

O MALOCÃO E SUAS PONTES: ENSAIO SOBRE MEMÓRIA, MUNDOS E TRAVESSIAS ACADÊMICAS

Carlos Elvio Neves

Recebido: 01/02/2026

Aprovado: 02/03/2026

Há lugares que não são apenas espaços.

São experiências. São travessias. São memória viva.

Quem passa pelo campus da Universidade Federal do Pará em Breves talvez veja, à primeira vista, apenas uma grande estrutura de madeira cercada por pontes — o “malocão”. Um espaço de convivência, de descanso, de encontros entre uma aula e outra. Mas quem permanece um pouco mais — e, sobretudo, quem aprende a ver — percebe que ali pulsa algo mais profundo: O malocão é uma ilha.

Não apenas no sentido físico, mas simbólico. Ele representa as inúmeras ilhas que compõem o arquipélago marajoara: territórios que podem estar conectados ao mundo — inclusive ao mundo da ciência — porque existem pontes, mas que também podem ser isolados por muros invisíveis. Muros que não são de madeira nem de concreto: São políticos. Econômicos. Sociais. Ambientais. Educacionais.

Nós, viventes desse mundo natural ilhado, sabemos que o isolamento pode ser escolha geográfica, mas também pode ser imposição. Podemos nos auto-ilhar, quando deixamos de reconhecer mundos, marajós, alteridades. Ou podemos ser deliberadamente ilhados, quando interesses externos definem os limites do nosso existir. É nesse ponto que o malocão deixa de ser apenas espaço e se torna pensamento. Ele nos provoca. Nos faz perguntar: quais pontes estamos construindo? E quais estamos deixando ruir?

As pontes que o circundam não são apenas estruturas de passagem. No Marajó, as pontes são a própria vida em movimento. Ligam casas, escolas, igrejas, pequenos comércios, trapiches, festas. São vias

O Malocão e suas Pontes: ensaio sobre memória, mundos e travessias acadêmicas. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

de circulação, mas também de encontro, de sociabilidade, de pertencimento. Elas unificam o território. Mas também revelam algo maior: são interseções entre mundos.

No campus, essa arquitetura em madeira — holística, orgânica, viva, respirante — contrasta com a linearidade do concreto das salas de aula. E nesse contraste se estabelece um diálogo silencioso: entre o urbano e o ribeirinho, entre a erudição e a tradição, entre o conhecimento sistematizado e o saber vivido. O malocão é, nesse sentido, um ponto de encontro. Ou, como diria Nêgo Bispo, um lugar de Confluências, de Circularidades. Ali, mundos aparentemente distintos não se opõem — se encontram, se tensionam, se reconhecem.

Essa compreensão exige romper com aquilo que Emmanuel Levinas chamou de o “humanismo do outro homem” — a tendência de impor ao outro um modelo único de humanidade, como se fosse superior. No contexto marajoara, isso significa reconhecer que há múltiplas formas de existir, de conhecer, de educar.

É nesse ponto que a reflexão de Ailton Krenak se torna ainda mais provocadora, ao lembrar que “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”. O malocão, nesse sentido, não é apenas um espaço físico, mas um ancoradouro simbólico que nos reconecta a essas referências, evitando que a universidade — e nós mesmos — nos percamos de nossas próprias raízes. O malocão nos lembra disso todos os dias.

Ele é também um lugar de memória, no sentido proposto por Pierre Nora. Não apenas porque guarda lembranças, mas porque condensa experiências: afetivas, acadêmicas, pedagógicas. Quantos encontros aconteceram ali? Quantas amizades se consolidaram? Quantos amores começaram? Quantas ideias surgiram? Mesmo aparentemente ilhado, o malocão nunca esteve isolado. Ele é atravessado por histórias. E talvez seja exatamente por isso que ele nos ensina tanto.

Há um peixe nos rios amazônicos marajoaras — o Tralhoto (nome popular), Anableps anableps (nome científico) — que possui os olhos divididos. Com um, vê o que está dentro da água. Com o outro, vê o que está fora. Ele não escolhe um mundo. Ele habita dois. Talvez seja essa a maior lição do malocão.

O Malocão e suas Pontes: ensaio sobre memória, mundos e travessias acadêmicas. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Em tempos em que se perde, por indução maquínica, a capacidade de atenção/contemplação posto que “queremos apenas consumir tudo, devorar tudo, em vez de olhar”, Byung-Chul Han nos chama a atenção para a necessidade de uma Pedagogia do Ver. Ver não apenas como ato automático, mas como exercício de presença, de atenção, de abertura ao(s) mundo(s). O malocão é essa pedagogia materializada.

Ali aprendemos a ver para dentro — o mundo da ciência, dos conceitos, da racionalidade. E aprendemos a ver para fora — o território, a natureza, a cultura, a vida. E aprendemos, sobretudo, que esses dois mundos não são opostos. São conexos.

Por isso, o malocão também nos oferece algo raro: ele atenua o rigor engradado e cinza das salas de aula. Com sua abertura, sua circularidade e seu colorido natural, ele devolve à educação algo essencial: o movimento, a celebração e o contato com a natureza do entorno.

Talvez por isso ele se aproxime tanto da ideia de Paideia Grega — não como modelo a ser reproduzido, mas como inspiração: um espaço onde educar não é apenas transmitir conteúdos, mas formar sujeitos em relação com o mundo. Ali, aprende-se com o corpo, com o olhar, com o outro. Ali, a ciência respira e a cultura transpira.

E talvez seja esse o seu maior ensinamento: lembrar-nos de que a universidade não pode ser apenas um lugar de produção de conhecimento, mas um espaço de religação entre mundos. Entre o que somos e o que podemos ser. Entre o que sabemos e o que ainda precisamos aprender. Vida longa ao malocão e às suas pontes. Que continuem ligando caminhos. E, sobretudo, que nunca nos deixem esquecer que, para existir plenamente no(s) Marajó(s), é preciso — como o tralhoto — ver dois mundos ao mesmo tempo.